

Ação Educativa
Documentação
R 42.79
CODIGO: _____
2.02.
Data 30/10/02

VENHA CONHECER NOSSA BIBLIOTECA!



01 a 05 de julho de 2002

*Confira a relação de alguns materiais bibliográficos
do nosso acervo temático*

MOVIMENTO HIP-HOP



Ação Educativa

Assessoria, Pesquisa e Informação

Serviço de Informação e Documentação

Rua: General Jardim, 660 - Vila Buarque - São Paulo

Fone (11) 3151-2333 - ramais 139/142

SERVIÇO DE DOCUMENTAÇÃO E INFORMAÇÃO

Dissemina informações nas áreas de educação e juventude. As estratégias incluem a coleta, o processamento e a organização sistemática de informações tanto em acervo físico como em bases de dados eletrônicas, disponíveis para consulta do público em geral, pela Internet ou na sua sede, dando atendimento personalizado para pesquisadores, educadores, jovens etc. Linhas de ação:

- Organização e disseminação de informações

- Atendimento ao público no Centro de Juventude e Educação Continuada

Mantém uma base de dados bibliográficos em educação de jovens e adultos e em juventude, possível de ser consultada no local ou por meio de acesso remoto, contendo aproximadamente 20 mil registros oriundos dos mais diversos tipos de materiais. Participa como membro do Comped (Comitê dos Produtores de Informação Educacional), que reúne entidades governamentais e não-governamentais visando ao debate e à colaboração na sistematização e disseminação de informações educacionais.

Atender a demanda de informações do público usuário do Centro de Juventude e Educação Continuada representa um novo desafio ao Setor, que deverá diversificar as formas de disseminação das informações tratadas, além de redefinir os tipos e conteúdo dos materiais a serem incorporados ao acervo. Deverá, também, atuar na oferta de cursos e oficinas, como a *Oficina sobre bibliotecas comunitárias e escolares* realizada em janeiro de 2001 para 28 participantes de 12 instituições comunitárias e escolares.



Ação Educativa
Serviço de Informação e Documentação - SID

ALVES, Magda Anachoreta. Inscrições murais : um novo grafismo. Niterói, 1985.
122 p. Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal Fluminense.

Estudo da fala dos pichadores de rua que procura os motivos que induzem os adolescentes a praticarem esse ato. Foram correlacionados aspectos identificatórios, marcantes do comportamento dos adolescentes pichadores, e as características da adolescência dita 'normal'. Os dados foram obtidos através de entrevistas semi-estruturadas para proceder-se qualitativamente as análises das informações. Caracterizado como estudo de caso, foram fixados três objetivos: Primeiro encontrar respostas explicativas para este grafismo; Segundo identificar as características desses autores; terceiro apresentar propostas de reflexão que venham a contribuir para que a escola adote uma atitude de compreensão e ajuda aos jovens. Com base nos resultados obtidos, pode se afirmar que a prática do grafiterismo encerra, em seus aspectos, 'ritos de iniciação' do jovem na busca de uma identidade auto-assumida, necessária a si mesmo e como ser no mundo, e que a escola não pode permanecer insensível a estas manifestações, sob o risco de perder sua própria função educativa e libertadora.

AMANTES da arte proibida. Radical, Brasília, v. 1, n. 1, p. 13, jun. 1996.

Relata a historia dos grupos de grafiteiros da Ceilândia, bairro da cidade de Brasília, DF. Conta a trajetória de Júlio César Dias, 17 anos, aluno do primeiro ano do segundo grau, que assinava as pichações com o apelido 'Toupeira', o qual cumpriu pena de 28 dias no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (Cajé), pela pichação que a gangue, Amantes da Arte Proibida, a qual pertencia fez no Memorial JK. Salienta que o grupo de grafiteiros chamado os 33 está fazendo a cabeça dos pichadores, que estão deixando de sujar os muros da cidade, e estão até sendo contratados pelas escolas e pelos moradores para pintarem a cidade, com coloridas mensagens contra as drogas e violência, ou a favor da educação.

AMARAL, Marina. Mais de 50.000 manos. Caros Amigos (Especial), São Paulo, n. 3, p. 4-8, set. 1998.

Traz trechos de entrevistas com jovens do Movimento Hip Hop, apresentando um histórico do hip hop no Brasil. As entrevistas foram realizadas com os integrantes dos seguintes grupos juvenis: Radical Black; Uafro; Fúria Verbal; Força Ativa; Negroatividades; N'Klan. Traz também entrevista com a socióloga Helena Abramo de Ação Educativa, comentando o poder de

transformação para a própria comunidade onde vivem os hip hoppers, e a cultura da rua no bairro.

ANDRADE, Elaine Nunes de. Movimento negro juvenil : um estudo de caso sobre jovens rappers de São Bernardo do Campo. São Paulo, 1996. Dissertação (Mestrado) Universidade de São Paulo.

Refere-se a um estudo de caso sobre uma associação de jovens, denominados Rappers, que em sua prática social desenvolvem um duplo processo educativo. Esta associação conhecida pelo nome de Posse Hausa, e localizada num município da Grande São Paulo, no início dos anos 90 esteve vinculada ao Departamento de Cultura da região, onde realizaram expressivo trabalho artístico-cultural que desencadeou em obra literária. A partir desse fato, o grupo tomou a sua autonomia e assumiu uma conduta social de movimento negro juvenil. Investigou-se o movimento juvenil que deu origem ao grupo: movimento Hip Hop, e a partir de uma observação participante, registrou-se os dados que justificaram a hipótese inicial, a de que um determinado movimento juvenil desenvolve uma ação educativa. Comprovou-se que a associação Hausa por meio de um processo intencional de educação, desenvolve uma dupla ação educativa: a educação política decorrente da prática social do grupo e a educação informal decorrente do manuseio do instrumento artístico - Rap.

ANDRADE, Elaine Nunes de. Movimento juvenil : do rap a Posse Hausa. In: SIMPÓSIO DE PESQUISA DA FEUSP, 3., maio de 1996, São Paulo. Anais... São Paulo : FEUSP, 1997. p. 211-220. (Estudos e documentos, 38)

Em junho de 1993, foi fundada a Posse Haussas cujo ideário era e ainda é trabalhar com a questão racial (o nome foi mudado em novembro para Hausa). O Grupo Hausa está localizado na cidade de São Bernardo do Campo, e composto por 24 membros e 6 coordenações. Estes membros estão distribuídos em 6 grupos de rap. Há também entre os 24 membros aqueles que não compõem os grupos musicais e são tratados como membros efetivos, tendo funções específicas. A posse surgiu de diversas atividades realizadas pela Secretaria de Cultura do município de São Bernardo, em virtude desta cidade estar sendo na época (1989/1992) dirigida por uma administração pública popular. O importante nesta pesquisa foi verificar que esta associação aparentemente sem grande poder político ou mesmo sem grande visibilidade social, representa um exemplo de ação educativa. Observou-se que o grupo desenvolve um duplo processo educativo: como movimento social de negros sua prática social e política e por isso desenvolve uma educação política. São jovens críticos e demonstram expressiva conscientização acerca da situação social, procuram reivindicar direitos sociais, não apenas através da música, mas buscam órgãos públicos e organizações não governamentais.

ANDRADE, Elaine Nunes de. Hip Hop: movimento negro juvenil. In: ANDRADE, Elaine Nunes de, (org.). Rap e educação : rap e educação. São Paulo : Summus, p. 83-91.

Relata sua experiência como estagiária do curso de pedagogia em uma escola pública estadual. Destaca que a escola era caracterizada, já naquela época, por alto índice de depredações e vandalismo no prédio público. Salienta que por um lado, professores descontentes e revoltados com a situação do magistério, com baixa remuneração e com a postura de rebeldia na comunidade escolar; por outro, alunos que se mostravam insatisfeitos com seus professores e, conseqüentemente, indiferentes ao conhecimento transmitido pelo currículo oficial, a apatia estava instalada e o cotidiano escolar assinalado pela cumplicidade da ação: "Finge-se que se ensina e finge-se que se aprende" - fato notório nas últimas décadas no país, principalmente em se tratando das escolas públicas onde a clientela é de baixa renda. Descreve que não está generalizada essa situação, pois educadores imbuídos de um profissionalismo heróico e de uma esperança inabalável conseguem superar essas dificuldades encontradas no cotidiano escolar instrumentos de trabalho educativo. Aponta que foi exatamente o que aconteceu com um grupo de professores dessa escola em que estagiou. Afirma que uniu-se a eles e resolveram desenvolver algumas atividades que pudessem vir a constituir um projeto pedagógico de caráter estritamente comunitário, isto é, um projeto cuja ação educativa estivesse alicerçada nas reais necessidades desse contingente escolar e pudesse traduzir os seus interesses cotidianos, adaptando-os ao conteúdo sistematizado do currículo escolar.

ARAUJO, Moisés. A cor da paz. Diário Popular, São Paulo, 28 jan. 2001. JÁ. p. 12-13.

Apresenta o programa Hip Hop Urra!, criado com o objetivo de estimular a criatividade da garotada e mantê-la afastada das drogas e da violência. Destaca que o Hip Hop Urra! é uma das muitas iniciativas coordenadas pelo Projeto Quixote, organização não-governamental (ONG) que vem se destacando em parcerias com diversas outras entidades similares e os Centros de Defesa da Criança e do Adolescente (Cedeca) da capital e do interior do Estado. Informa sobre a Agência de Grafitagem em fase de gestação que prevê a venda de serviços profissionais da garotada e uma bolsa mensal de R\$ 60,00 aos aprendizes.

ARCE, José Manuel Valenzuela. Vida de barro duro : cultura popular juvenil. Rio de Janeiro : UFRJ, 1999. 184 p (Cultura Urbana)

Reflexão sobre o funk e a tatuagem, bem como a maneira pela qual os movimentos culturais recentes 'não se definem a partir das categorias dos conflitos políticos dos períodos anteriores' e como criam 'novos sentidos para as relações entre o popular e o oficial ou dominante', gerando 'novas frentes de disputa e conflito'.

ARRUDA, Clodoaldo. Damas do rap. Pode cré!, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 6, 1994.

Fala do conjunto de rap feminino "Damas do Rap" formado em 1992 no Rio de Janeiro.

AZEVEDO, Amailton Magno Grillu, SILVA, Salloma Salomão Jovino da. Os sons que vem das ruas : a musica como sociabilidade e lazer da juventude negra urbana!. In: **ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). Rap e educação : rap é educação.** São Paulo : Summus, 1999. p. 65-81.

Retrata a sociabilidade da juventude negra paulistana através das manifestações culturais herdadas das populações negro-mestiças. São sobrevivências de praticas musicais africanas que propiciaram a emergência, nos anos posteriores, de estilos de música e dança urbanas, formas de integração social e étnica que tem na música um dos seus fios de ligação. Traz referências do surgimento das variadas manifestações do movimento hip hop paulistano como o break, a música soul e o movimento black power até nos dias de hoje.

BARON, Luis Fernando. El Rap nos es baile de los que sobran. **CienDias, Bogotá,** v. 6, n. 24, p. 26-27, out. 1993.

A partir de um relato de um concurso de dança, o artigo mostra o Rap como forma de expressão de jovens da periferia, que utilizam-se dele para contar suas historias e experiências de vida. Mostra também como essa expressão artística e encarada pelos meios de comunicação de massa.

BASTHI, Ana Angélica. Rap : a nova onda dos jovens. **Pixote, Rio de Janeiro,** v. 1, n. 1, p. 30-37, jul. 1993.

Analisa o rap enquanto expressão de um novo estilo de comportamento dos jovens da periferia das metrópoles. Aponta o crescimento deste movimento que consolida-se através da oposição a violência policial, a miséria e ao preconceito racial. Discute a organização do movimento em São Paulo e cita a participação do Geledés (Instituto da Mulher Negra) através do Projeto Rap. Aborda também o papel das mulheres rappers e denuncia o machismo presente inclusive no movimento.

BBOYS & bgirls. A casa do Hip-Hop, Diadema, n. 2, paginação irregular, fev. 2000.

Relata a historia da música/dança break boy/boogie boy, conhecidos como b.boys. Saliencia que a break Dance, como a mídia popularizou o b.boys, tem sua origem na própria raiz do Hip Hop. Aponta a rua 24 de Maio como importante na história da dança break em São Paulo, por ter sido o primeiro ponto de encontro de b.boys a partir de 1984, e em 1985 um novo ponto de encontro, tem início na Estação São Bento do Metrô, não se tratava apenas de uma dança, nascia a Cultura Hip Hop no Brasil.

BROWN. Pode cré!, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 13-14, fev./mar. 1993.

Entrevista com Mano Brown do grupo de rap "Racionais MC".

CANDIDO, Mário R. CEDI lança vídeo sobre Rap. O Butantã, São Paulo, n. 17, p. 7, ago. 1994.

Fala do lançamento do vídeo *Raça, Ritmo e Poesia* do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), que tem como tema o movimento Rap em São Paulo.

CARMO, Paulo Sergio do. Culturas da rebeldia : a juventude em questão. São Paulo : SENAC, 2001. 279 p.

Aborda alguns movimentos de contestação juvenil ocorridos nas últimas cinco décadas do século XX no Brasil, mas recorre frequentemente as manifestações de fora do país. Na década de 90, destaca o movimento estudantil dos caras-pintadas, cujas manifestações foram fator de aceleração na queda do presidente Fernando Collor, e também aos jovens pobres da periferia, que também realizam um movimento cultural em seus redutos. Explora a descoberta do funk e o despontar do hip-hop, o efeito e a importância da moda, principalmente da roupa, no cotidiano juvenil, bem como sua vinculação com o universo da sociedade de consumo. Trata dos bailes funk, das guangues juvenis, das torcidas organizadas de futebol e do movimento dos skinheads (cabeças raspadas), tanto em Londres quanto no Brasil. Salienta que como a escola é presença marcante na adolescência, dedica a ela discussões relacionadas ao questionamento da disciplina e a sua dificuldade para adaptar-se aos novos tempos, e por fim lança algumas sementes no tocante a uma nova geração ligada a revolução provocada pela era digital. Traz uma lista de filmes com temática juvenil.

CHANG, Jeff. A fulgurante odisséia do hip-hop. O Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9/10, p. 23-25, set./out. 2000.

Apresenta um breve histórico do surgimento da cultura hip-hop, movimento cultural que nasceu nas chamas da revolta, em meados da década de 1970. Saída do Bronx (EUA), conquistou o mundo inteiro para tornar-se a voz de uma geração.

CONCEITOS DE RUA. Hip Hop promove uma revolução na periferia : a festa do talento. São Paulo : O Estado de São Paulo, 22 jan. 1999. 3 p. Disponível em <http://www.estado.estadao.com.br/jornal/suplm/zap/99/01/22>. Acesso em 23. Abr. 2002. Acesso em 23 abr. 2002

Entrevista com os integrantes da posse Conceitos de Rua, explicam o que é posse, falam sobre Hip Hop e sobre as oficinas itinerantes (de discotecagem a sexualidade).

COSTA, Tina Gonçalves. Mulheres no rap. Pode crê!, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 33-36, ago./set. 1993.

Discute o papel da mulher no movimento hip hop, a discriminação sofrida, principalmente por parte dos próprios "manos". Traça o perfil de algumas mulheres que atuam como DJs, rappers, dançarinas de break, analisando suas dificuldades e preocupações na construção de um espaço feminino no rap.

COSTA, Valter de Almeida. A opinião do jovem sobre a escola. Fala Negão, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 14-17, out. 1997.

Em continuidade a pesquisa anterior realizada 1992 por um grupo de ativistas do movimento negro, hoje reunido no 'Fala Negão'. A idéia da pesquisa surgiu em 1992, a partir da observação que em debates com jovens integrantes de grupos de RAP que ocorriam nas escolas da Rede Municipal, muitos dos participantes eram jovens que haviam abandonados os estudos. A pesquisa procurou, então, detectar o perfil destes jovens e o motivo da evasão escolar. O resultado da pesquisa realizada em 1992, gerou uma cartilha contendo sugestões destes jovens para a melhoria da escola. A pesquisa foi então retomada em 1995, enriquecida com a participação voluntária de grupos de jovens da região. Os dados coletados então revelam que mais da metade dos jovens entrevistados já não estudam. Destes que já abandonaram os estudos mais da metade abandonam os estudos antes da oitava série. Os dados indicam ainda que a evasão escolar cresce significativamente a partir dos 14 anos, podendo-se relacionar este fato a busca de inclusão do jovem no mercado de trabalho. Com relação as sugestões feitas pelos jovens para a melhoria da escola, não se nota grandes divergências entre as sugestões de jovens que não estudam e de jovens que estudam, sendo que em ambas a melhoria da competência do professor figura com destaque.

DAOUDI, Bouziane. O grito dos jovens argelinos contra a guerra. O Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9/10, p. 34-35, set./out. 2000.

Descreve sucintamente o panorama do movimento hip hop argelino, mais especificamente os grupos de rappers que gritam contra a guerra civil, corrupção, mercado negro, injustiça, desemprego - sendo estes os setes temas do rap argelino.

DAVEY, D. O bode expiatório: de onde vem a fama da violência do hip-hop? Do gosto da mídia pelo sensacionalismo, do reinado do dinheiro e da visão estereotipada da cultura pop. O Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9-10, p. 53-54, set./out. 2000.

Discute sobre a cultura musical hip-hop que as vezes ligado a violência, mas que não são características de uma mentalidade própria a essa cultura. O movimento é banalizado pela mídia, porque as comunidades que praticam não tem poder nem dinheiro suficientes para controlar as imagens projetadas

pela mídia. Dai resulta o estereotipo transmitido pela mídia. No entanto ela deve ser analisada em seu contexto. Pode-se condenar atos de certos indivíduos sem caluniar toda a cultura. O culto a violência é apenas um espelho que reflete algo mais do que suas próprias comunidades: suas obras refletem a imagem da sociedade inteira.

DEVESE, Eloisa. O espetáculo da hora. Caros Amigos, São Paulo, n. 3, p. 24-27, set. 1998.

Faz um relato de dois shows de rap: do grupo Pavilhão 9 e Racionais MCs.

DEVESE, Eloisa. Balé de rua. Caros Amigos (Especial), São Paulo, n.3, p. 28-29, set. 1998.

Faz um histórico sobre o break, performance, dança de rua, uma das três expressões que representam o hip hop (junto com o rap e o grafite). Comenta como se desenvolveu os passos do break no Brasil.

DEVESE, Eloisa. Subversão colorida. Caros Amigos (Especial), São Paulo, n. 3, p. 30-31, set. 1998.

Traz alguns comentários de grafiteiros como os Gêmeos, Vitche, Tomada e Tatau, que intervêm na paisagem da cidade, expressando a sua moda a Mensagem do Movimento Hip Hop, deixam nos muros apenas sua marca (tag, na linguagem própria).

DINIZ, Marli. Pichadores de muros : a sub-cultura do 'spray'. Rio de Janeiro, 1987. 73 p. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro.

Estudo sobre alguns grupos de pichadores da cidade do Rio de Janeiro, com o objetivo de conhecer a natureza desses grupos, sua estrutura interna e a influência do grupo sobre seus membros. Procurou, também, verificar se esses grupos constituem uma sub-cultura desviante ou delinqüente, se a pichação é uma expressão particular de um tipo de atitude própria desta faixa etária e em que medida a reação da sociedade afeta o comportamento do jovem pichador. Foram realizadas entrevistas coletivas com integrantes de cinco grupos. Desses, três grupos, representativos de níveis sociais distintos, tiveram um acompanhamento maior, através de 21 entrevistas individuais e observações sistemáticas com acompanhamento de pichadores em seus encontros e em suas pichações. Os motivos que levam a constituição dos grupos de pichações são os baixos custos e a facilidade da atividade, além da possibilidade de expressão pessoal e visibilidade pública. A reação da sociedade leva a caracterização dos pichadores como pertencentes a uma subcultura desviante. Não há, entretanto, associação entre pichadores, classe social e delinqüência, apesar dos jovens de classe baixa terem grande probabilidade de se tornarem delinqüentes. Há resistência dos pichadores às tentativas de controle social, pois, ou estas são

autoritárias - no caso das classes baixas - ou não compreendem a natureza da pichação.

DJ HUM. Estação São Bento : primeiro palco dos rappers. Pode crê!, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 6-7, fev./mar. 1993.

Conta a história do início do Rap em São Paulo, que teve como ponto de encontro original a estação São Bento do Metrô.

DJ HUM. Funk : a essência do rap. Pode crê!, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 6-7, ago./set. 1993.

Narra a chegada do rap no Brasil em 1980, oriundo do funk.

DJ HUM. A nova linguagem do rap : a paz interior. Pode crê!, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 6-7, 1994.

Analisa as transformações de estilo do rap, o aprimoramento da linguagem, a abertura para a mídia e a ampliação do público, principalmente os jovens de 11 a 17 anos.

DJ TR. O som dos manos, a dança das mina. Democracia Viva, Rio de Janeiro, n. 9, p. 11-13, nov. 2000 / fev. 2001.

Relata o surgimento do movimento black power, que se tornou o primeiro momento de união da juventude negra no Brasil. Desencadeando assim a cultura hip hop como o rap e o grafite.

DJS de bailes. Pode crê!, São Paulo, v. 2, n. 3, p. 17-19, 1994.

Traça o perfil de DJs, apresenta suas aspirações profissionais e seu desenvolvimento com o trabalho.

DUARTE, Geni Rosa. A arte na (da) periferia : sobre...vivências. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). Rap e educação : rap é educação. São Paulo : Summus, 1999. p. 13-22.

Discute a cultura popular com enfoque no movimento hip hop e as suas manifestações como a dança, música, arte e o grafite. Aponta algumas questões significativas desse movimento, como sendo espaço de autonomia e identidade de amplas camadas de jovens muitas vezes alijados dos espaços

sociais integrativos da vida urbana. Traz referência ao rap, a força da palavra, a letra, o poema na produção dos rappers paulistanos. Diz que o rap não pode ser pensado apenas como letra-e-música, por incorporar, no seu fazer, também a dimensão corporal, por meio da dança. Refere-se também sobre a questão da arte, o grafite, que constrói uma proposta de intervenção sobre o escape urbano por meio da arte, fora dos circuitos consagrados da sua produção e circulação.

FARLEY, Christopher John. A nação Hip Hop : como esse gênero mudou a face da América no últimos 20 anos. Time/Folha de S. Paulo, São Paulo, v. 2, n. 5, p. 4-8, 4 fev. 1999. Encarte.

Relato sobre o movimento hip hop nos Estados Unidos e como ele colaborou com a mudança do panorama cultural dos últimos vinte anos. Apresenta um histórico dos principais grupos musicais do gênero. Assinala que o rap é uma forma de expressão rítmica, feita sempre por meio de rimas, e que o termo hip-hop se refere a música de fundo usada para fazer o rap, que é frequentemente composta de colagens de trechos, ou 'samples', de diferentes canções, e hip-hop é usado para designar a cultura rap, sendo as duas vozes intercambiáveis, mas cada uma com vida própria. Indica que o hip-hop nasceu no seio da cultura negra americana, mas hoje em dia os brancos respondem por 70% das vendas, é mais do que um gênero musical, o hip-hop é uma reformulação radical da estética cultural americana.

FERNANDEZ, Alicia. Pichações : escritos adolescentes fora da escola. Pátio, Porto Alegre, v. 2, n. 8, p. 18-21, fev./abr. 1999.

Questiona a visão de grande parte dos educadores de que os jovens não escrevem analisando seus escritos fora da escola. Cita exemplos como diários, poemas e canções, geralmente utilizados por adolescentes para expressar seus sentimentos e opiniões, e aborda mais detalhadamente a 'pichação', um fenômeno que ocorre em diversas cidades do mundo. Convida educadores a assumirem uma outra postura e buscarem entender essa forma diferente de expressão escrita para superar as dificuldades de aprendizagem.

GOLDGRUB, Rosa Glacy Uchoa Jardim. Papéis no mundo : escritas do silêncio silenciadas subterrâneas. Porto Alegre, 1998. 130 p., Dissertação (Mestrado em Educação) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Propõe-se a estudar a escrita e seus aspectos subjetivos, buscando a diversidade de suas manifestações, contextualizando essa discussão na linguagem da pichação selvagem como uma escrita empreendida por grupos de adolescentes que, por meio dela, estabelecem um diálogo com o espaço urbano contemporâneo, dentro e fora do Brasil, elegendo o pensar e a especificidade dessa escrita na cidade de São Paulo. Propõe-se, ainda, a abordar sua importância como veículo de comunicação urbana, e a refletir sobre o processo de leitura da pichação selvagem nos espaços da cidade, e o

seu significado na cultura local, analisando as imagens gestadas por tal escrita relacionando-as com os temas transversais do currículo e as áreas de silêncio da educação moderna.

GOMES, Nilma Lino. Os jovens rappers e a escola : a construção da resistência. Belo Horizonte : [s.n., 1996?]. 12 p. Apresentado na XIX Reunião Anual da ANPED, 1996, Caxambu, MG.

Discute o RAP (Rhythm and Poetry), um dos elementos do movimento Hip-Hop, analisando o Projeto Rappers, uma experiência desenvolvida em 1993 pelo Instituto da Mulher Negra de São Paulo (GELEDÉS), entidade que atua no combate ao racismo e a discriminação racial e de gênero. Aborda também o papel da escola na trajetória de vida dos rappers paulistas e no processo de construção da sua identidade racial. Baseia-se em questionários aplicados aos jovens envolvidos no Projeto e depoimentos colhidos durante a realização de seminários temáticos sobre a relação entre os rappers e a escola.

GONÇALVES, Tânia Amara Vilela. O grito e a poesia do gueto : rappers e movimento Hip-Hop no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1997. 118 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Estudo sobre o movimento Hip-Hop carioca durante os anos de 1993 a 1996. Os objetivos foram: compreender os fatores que levaram a construção da identidade rapper, discutir as características que diferenciam o rapper do funkeiro e analisar o processo histórico que deu origem ao movimento Hip-Hop no Rio de Janeiro e sua entidade representativa, a ATCON. Foram realizadas entrevistas, observações e participações em eventos do movimento. Constatou-se, entre outras coisas, que o movimento Hip-Hop teve origem no Funk e no Break, mas adquiriu uma identidade contrastante a deles devido a consciência e militância política, além do não envolvimento e condenação da violência. Num meio marcado pela miséria e marginalidade, ser rapper é uma alternativa de vida para alguns jovens, como é, para outros, a religião ou o trabalho. "O rap constitui-se como estratégia de atuação política militante, que se utiliza da linguagem artística para levar sua mensagem"; para os rappers, a música é um meio que contribui para a transformação das condições de vida do povo, principalmente negro e jovem. A formação de grupos, como os do movimento RAP, evidencia o desenvolvimento da consciência racial.

GUIMARÃES, Áurea Maria. Uma visão alegórica da violência : fragmentos e ruínas. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani, SILVA JÚNIOR, Celestino da, (Orgs.). **Formação do educador e avaliação educacional : avaliação institucional, ensino e aprendizagem.** São Paulo : UNESP, 1999. p. 181-189. (Seminários e Debates, 4)

Faz análise do movimento hip-hop em Campinas, SP. A partir da idéia benjaminiana de alegoria que passou a investigar como algumas expressões

artísticas e culturais buscam por intermédio da música, da poesia, dos versos, das suas histórias, dos seus mitos e seus ritos juntar os estilhaços dos sujeitos e dos objetos, tentando "(re)criar" a unidade certa vez perdida. Aponta que a alegoria se instaura com o esfacelamento da identidade do sujeito que não consegue mais recolher a significação dos fragmentos, pois, agora, o sentido último somente Deus conhece.

GUIMARÃES, Maria Eduarda Araújo. Rap : transpondo as fronteiras da periferia.
In: **ANDRADE, Elaine Nunes de, (Org.). Rap e educação : rap é educação.** São Paulo : Summus, 1999. p. 39-54.

Discorre sobre a transposição do rap da periferia para o centro da cidade. E apresenta sucintamente o surgimento desse estilo musical, fazendo paralelo entre os estilos musicais samba e a afrobaiana. Também relata os obstáculos e dificuldades encontrados pelo movimento na difusão do rap, sendo necessário a criação de selos próprios pelos grupos, a divulgação das músicas nas rádios comunitárias, ou piratas, a produção de fanzines especializados em rap e um circuito alternativo de distribuição de discos, por lojas especializadas em música negra. Descreve como o rap chegou ao alcance das classes média através dos clubes, circuitos noturnos e shows. Também descreve a relação ambígua com os veículos de comunicação e a indústria fotográfica e a qual a identificação da população jovem branca que aderem ao movimento hip hop. E coloca a seguinte questão: será que essa assimilação vai resultar em uma diminuição da discriminação?

HERCHMANN, Micael. O funk e o hip-hop invadem a cena. Rio de Janeiro : UFRJ, 2000. 304 p (Cultura Urbana)

Focaliza um dos campos da cultura em que se verifica a presença de um referencial significativo de violência: o universo da música, no qual especialmente o funk e o hip-hop, nas suas diversas formas de expressão, atualizam um 'tom conflituoso', ou pelo menos tenso, pouco visto anteriormente na música popular brasileira. Os dois estilos apresentam-se como estudos de caso que, em função do lugar que ocupam junto as camadas juvenis menos favorecidas da população, permitem repensar a emergência, no imaginário social, de um Brasil fragmentado e plural.

HERSCHMANN, Micael (Org.). Abalando os anos 90 : globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro : Rocco, 1997. 217 p.

Estuda dois fenômenos musicais contemporâneos - o funk e o hip-hop, discute, a partir de um material variado e expressivo de diferentes contextos urbanos, tanto na atuação social quanto o universo cultural de grupos juvenis. Em tempos de globalização, essas formas culturais juvenis atualizam e difundem códigos e estilos marcados por forte hibridismo. Numa linguagem que traz as marcas do espetáculo e do consumo, esses fenômenos se afirmam no cenário urbano como fundamentais para a compreensão da dinâmica cultural das cidades, espaços por excelência de intensa disputa de símbolos e de afirmação de estratégias distintas de obtenção de poder. Na esteira de uma cultura pop internacional, os funkeiros e os rappers, no mais puro

estilo de uma rebeldia irreverente e desafiadora, invadem a cena contemporânea com seus ritmos, seu modo de dançar, suas roupas, sua linguagem ou seu gestual, atualizando a fragmentação da dinâmica sociocultural contemporânea. Constróem, assim, novas positivities e instauram formas de sociabilidade que apontam na direção do rompimento inevitável com os padrões éticos e estéticos de grupos sociais hegemônicos. Oferece pistas para reavaliar a nova dinâmica sociocultural do país, como permite fazer uma análise comparativa desses fenômenos com outros que ocorrem em alguns países centrais, em particular, nos EUA.

HERSCHMANN, Micael M. Nova York não é aqui : funk e rap na cultura carioca. **Tempo e Presença**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 281, p. 20-22, maio/jun. 1995.

Analisa como se processa o "consumo" da cultura hip hop - música e cultura dos guetos negros norte-americanos - por jovens de setores populares no Rio de Janeiro. Chama a atenção para a necessidade de se analisar estes movimentos juvenis a partir do contexto de globalização e capitalismo transnacional. A recepção dos códigos culturais externos define-se, segundo o autor, não por mera imitação mas por apropriação simbólica de acordo com o novo contexto. Apresenta um pequeno glossário com expressões e termos do vocabulário funk.

JABAQUARA Breakers : uma escola de Hip Hop. **Pode crê!**, São Paulo, v.1, n. 2, p. 10-12, ago./set. 1993.

Apresenta este grupo de hip hop que tem como tema a luta contra o racismo.

QUATRO elementos no horizonte [vídeo]. Belo Horizonte, 2001. 1 fita de vídeo (23 min.48), VHS, NTSC, som, [?].

Documentário sobre a manifestação dos 4 elementos da cultura hip hop, a saga de rappers, bboys, grafiteiros e djs construindo uma identidade em meio ao turbilhão urbano. Jovens artistas da periferia de Belo Horizonte misturam versatilidade e irreverência com ação política e social.

A JUVENTUDE quer mudar o Brasil. [s.l.], 1998. não paginado. Documento do Movimento Hip Hop ao companheiro Lula.

KALILI, Sergio. Mano Brown é um fenômeno. **Caros Amigos**, São Paulo, v. 1, n. 10, p. 31-34, jan. 1998.

Entrevista com o rapper Mano Brown, dos Racionais M.C., principal letrista e líder do grupo de rap que esta entrando na história da musica popular brasileira, fazendo um grande sucesso com a juventude da periferia das metrópoles. Aborda alguns aspectos pessoais da vida do Mano Brown, como

menino que cresceu na periferia de São Paulo, as pessoas com quem convive, os amigos que estão no Presídio do Carandiru, esse mundo que é a referência para as músicas do grupo. Destaca a acusação de incitação ao crime feita pela Polícia Militar de São Paulo ao grupo de rap por ocasião do show Rap no Vale, onde os Racionais cantaram uma música que conta a história de um homem morto pela polícia na calada da noite. A polícia se sente ofendida efetuando prisões de grupos de raper, um manifesto foi redigido pelos músicos e organizações de combate ao racismo e enviado a imprensa.

KEHL, Maria Rita. A fratria órfã. In: KEHL, Maria Rita (Org.). Função fraterna. Rio de Janeiro : Relume Dumara, 2000. p. 209-244.

A partir do trabalho realizado pelos Racionais MCs, analisa o que considera como o esforço civilizatório em relação as condições de vida e ao apelo ao gozo entre os jovens pobres da periferia de São Paulo. Este esforço civilizatório é característico do rap em geral, e mais particularmente do que se produz nos bolsos de pobreza urbana do Brasil - a origem do rap está nos jovens moradores dos guetos criados pela segregação social e racial da sociedade norte-americana.

LAGOA, Ana. Gangues juvenis : como são, os estragos que fazem e os perigos que correm. Nova Escola, São Paulo, v. 8, n. 66, p. 10-6, maio 1993.

As gangues estão presentes em quase todas as grandes cidades do país. Como as que promovem guerras entre colégios, as que picham, as que batem em homossexuais e nordestinos e até as que tentam se organizar em partido político. Começam a recrutar seus adeptos quando tem ainda 10 ou 12 anos e estão insatisfeitos com a escola e a família. Muitos ainda frequentam o 1o. grau. Um fenômeno que exige das escolas algumas paradas para entender a lógica desses grupos e para conseguir lidar com eles.

LAGOA, Ana. As feras da periferia. Nova Escola, São Paulo, v. 6, n. 46, p. 10-18, mar. 1991.

Traça um perfil do jovem aluno de curso noturno das periferias das grandes cidades que "perturbam" o andamento quando aparecem nas aulas e se expressam por meio de raps, pichações ou outras manifestações culturais.

LIMA, Ivan Costa, ROMÃO, Jeruse, SILVEIRA, Sônia Maria (Orgs.). Educação popular afro-brasileira. Florianópolis : NEN, 1999. 132 p.(Pensamento Negro em Educação, 5)

Apresenta experiências e reflexões desenvolvidas pelo Movimento Negro e pesquisadores - negros e brancos - sobre educação dos afro-brasileiros. Enfoca o estudo de alguns aspectos do nível político do Teatro Experimental do Negro (TEN). Discute educação popular a partir das atividades de alfabetização desenvolvidas no TEM e das práticas educativas articuladas pela atuação do Movimento Negro. Faz um resgate histórico sobre a

Associação Cultural de Negritude e Ação Popular (ACNAP) na cidade de Curitiba. Analisa a experiência em educação com jovens e adolescentes do Movimento Hip-Hop na cidade de São Paulo. Reflexão sobre as desigualdades raciais no sistema de ensino brasileiro, principalmente quanto ao acesso a universidade. Aponta o processo de produção de conhecimentos que respeita a herança cultural africana. Mostra os paradigmas que norteiam as ações do Movimento Negro, a partir da percepção de um Brasil profundamente branco, eurocêntrico e machista.

LOPEZ, Imaculada. Periferia em movimento. Problemas Brasileiros, São Paulo, n. 350, p. 16-19, mar./abr. 2002.

Faz um breve histórico do hip hop em São Paulo, desde os anos 80, quando os jovens se reuniam no Largo São Bento. Destaca que em diversos bairros da periferia, garotos e garotas do movimento hip hop transformaram seus talentos em negócios inovadores, como a gravadora 4P, criada em 1997 pelo rapper Xis e pelo DJ KLG, o nome faz alusão ao slogan do movimento negro "poder para o povo preto".

MANO BROWN. Uma conversa com Mano Brown. Caros Amigos (Especial), São Paulo, n. 3, p. 16-19, set. 1998.

Entrevista com Pedro Paulo Soares Pereira, o "Mano Brown", feita na cobertura da garagem do conjunto da Cohab onde mora em Capão Redondo, São Paulo. Mano Brown nasceu em São Paulo, capital, em 1970,. Líder do grupo Racionais MCs, deu entrevista com o filho Kaire Jorge, no colo.

MEMÓRIAS de um anjo endiabrado. Jornal do AMENCAR, São Leopoldo, n. 29, p. 7, ago./set. 1999.

Apresenta o depoimento de J.K.F., de 17 anos, sobre sua vida como jovem infrator e a descoberta de seu talento como dançarino acrobata do movimento hip hop e praticante de grafiteagem.

MOLICCA, Orlando. Ouvindo muros. Democracia Viva, Rio de Janeiro, n. 9, p. 64-69, nov. 2000 / fev. 2001.

Apresenta de forma sintetizada a origem histórica da técnica de grafiteagem (grafite). Desde as principais inscrições das cavernas pré-históricas até a grafiteagem contemporânea.

A CASA DO HIP HOP. Mulher no Movimento. Diadema, n. 1, fev. 2000.

Antecipando as comemorações do Dia Internacional da Mulher, relata uma série de atividades realizadas por mulheres no Hip Hop, como as grafiteiras e os grupos musicais formados por mulheres (rappers e b.girls). Aponta que como DJ as mulheres ainda não ocuparam os espaços, mas salienta que algumas meninas já estão participando de oficinas.

RAÇA, ritmo e poesia [vídeo]. São Paulo : CEDI. Programa Educação e Escolarização Popular, 1994. 1 videocassete (17 min.) : VHS, NTSC, son., color.

A partir de depoimentos de rappers da cidade de São Paulo, narra os trabalhos desenvolvidos por esses jovens negros que agem contra a realidade da periferia da cidade com consciência, ritmo e poesia.

NOVAES, Regina Célia Reyes. Hip Hop : o que há de novo?. Proposta, Rio de Janeiro, v. 30, n. 90, p. 66-83, set./nov. 2001.

Analisa o movimento Hip Hop, e discute como os jovens urbanos de diferentes classes sociais se juntam através da cultura. Colocando a seguir o foco nos jovens da periferias e favelas, explora os efeitos do rap nos projetos culturais e intervenções sociais que se desenvolvem nestes espaços.

OGBAR, Jeffrey O. G, PRASHAD, Vijay. Ritmo negro, máscara branca. O Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9/10, p. 31-32, set./out. 2000.

Aponta alguns elementos contraditórios que permeiam o movimento hip-hop. Apesar da essência hip hop, música (rap) nasceu da rebelião dos negros norte-americanos contra o racismo, e utilizado principalmente para criticar o sistema vigente. Essa modalidade musical também pode cair na apologia do consumo pela economia capitalista, pois o mercado esvaziam as músicas de toda sua riqueza para torná-la um hino de louvor ao enriquecimento pessoal.

PASSARELLI, Sandra. A invasão do rap na escolarização da classe média. In: ANDRADE, Elaine Nunes de, (org.). Rap e educação : rap é educação. São Paulo : Summus, 1999. p. 125-135.

Analisa que o rap como recurso didático ainda está dando os primeiros passos, porém em algumas escolas que o implantaram no currículo do ano letivo, percebe-se que os alunos estão se dedicando, e, mais do que isso, dizem que é muito mais fácil compreender a história com esse recurso de trabalho. Salienta que se sabe que muitos profissionais criticam os Racionais e o rap, porém é percebido de que a violência, a criminalidade e o uso de drogas fazem parte da vida de muitos que participam do rap, assim

como de outros estilos musicais, porém o que mais impressiona é que eles tem consciência desses fatos, e lutam para que os "manos", mesmo sofrendo o preconceito, a miséria, as más condições de vida e trabalho impostos por uma sociedade em que o que vale é o dinheiro, o status e a posição social, possam não fazer o jogo da elite, não acabem com suas vidas e com a vida dos seus, na criminalidade, no uso de drogas, mas sim na luta pela paz, pela não-violência, enfim, por um mundo mais justo, em que todos, independentemente da classe social, raça ou religião, possam desfrutar de uma sociedade justa.

PIMENTEL, Spensy. Hip Hop como utopia. In: ANDRADE, Elaine Nunes de, (Org.). Rap e educação : rap é educacao. São Paulo : Summus, 1999. p. 103-112.

Afirma que o hip hop, que emerge nesse nosso fim de século tão desencantado, é um movimento que afirma a identidade do jovem de periferia, propõe a ação, o auto-aperfeiçoamento, a expressão e o autodidatismo. Reflete autêntica utopia em meio a uma aridez sem precedentes no espírito mundial, é capaz de aglutinar em torno do movimento, dezenas, talvez centenas de milhares de jovens que se tratam por "manos", deixando transparecer essa espécie de fé tênue que lhes traz a sensação de fraternidade.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. O livro vermelho do hip-hop. São Paulo, 1997. 73 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Jornalismo) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.

PIMENTEL, Spensy Kmitta. Mano Brown. Teoria e Debate, São Paulo, v.14, n. 46, p. 52-57, nov./dez. 2000.

Apresenta entrevista com o músico paulistano Pedro Paulo Soares da Silva (o Mano Brown). Na entrevista fala de sua visão política, social e cultural, confirma que seu talento tem uma raiz profunda no modo de vida dos "manos". Ouvir Brown e entender um pouco mais essa geração de jovens arredios e orgulhosos que tem tombado nas trincheiras da guerrilha alimentada pela desigualdade social brasileira.

PINHO, Osmundo de Araújo. Revolução afrodescendente do século XXI. Tempo e Presença, Rio de Janeiro, v. 23, n. 319, p. 17-21, set./out. 2001.

Pretende identificar três pontos de vista que acredita representar posições sociais (e de sujeito) muito relevantes para compreender as mudanças que estão agora se desenvolvendo na política racial brasileira. Saliencia que o cenário assistido neste momento, no Brasil, ao esboço de consolidação de três dessas posições de sujeito, enfatiza a importância dessas três formações dialogarem entre si, no sentido de formarem um campo comum de interlocução como uma aliança - bloco histórico - com um fim determinado: eliminar o racismo, a desigualdade e a supremacia branca no Brasil. Aponta essas três posições sociais representadas pela militância negra

tradicional, pela juventude da periferia organizada no Movimento Hip-Hop (MH2) e pela jovem geração de intelectuais e pesquisadores negros.

POETAS da periferia. Educação, São Paulo, v. 26, n. 225, p. 26-27, jan. 2000.

Apresenta relato de professores sobre experiências bem-sucedidas do uso do 'rap' como recurso didático. Os relatos fazem parte do livro 'Rap e educação, rap é educação', organizado por Elaine Nunes de Andrade, que reúne 13 artigos escritos por professores e pesquisadores que tiveram sua atenção despertada para a 'rap' como manifestação cultural.

POSSES : um trabalho comunitário. Pode Crê!, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 13, ago./set. 1993.

Define 'posse' como grupo de pessoas que através da música, dança e pintura, tem por objetivo pensar formas de organização da comunidade para resolver os problemas que afligem a periferia: pobreza, marginalidade, moradia, desemprego, extermínio de menores. Apresenta algumas experiências de organização de posses na cidade de São Paulo.

PRATT, Timothy. O cartel colombiano do rap. O Correio da UNESCO, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9/10, p. 38-39, set./out. 2000.

Descreve sucintamente o panorama atual do movimento hip hop em Cali, Colômbia. Onde o movimento exprime sobretudo através do "rap" a busca de identidade daqueles que não tem outros meios de se fazer escutar.

PROJETO Rappers. Pode crê!, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 9, fev./mar. 1993.

Apresenta o Projeto Rappers, suas finalidades e histórico de organização.

O RAP vai a escola. Pode Crê!, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 15, fev./mar. 1993.

Apresenta dois projetos desenvolvidos em escolas municipais na cidade de São Paulo, SP: o Projeto 'Oficinas Pedagógicas Hip Hop: Movimento, Linguagem, Formas e Desafios a Educação' e o Projeto 'Rap...ensando a Educação'. Ambos os projetos tem por finalidade levar para as escolas o movimento Hip Hop em suas modalidades: o rap, o grafite e o break.

ROCHA, Janaina, DOMENICH, Mirella, CASSEANO, Patrícia. Hip Hop : a periferia grita. São Paulo : Fundação Perseu Abramo, 2001. 155 p.

Reportagem sobre o Hip Hop no Brasil, através de saídas a campo e vasculhando os presídios de São Paulo (SP) a Ceilândia (DF), da Praça Roosevelt ao metrô São Bento, procuraram saber como, por quê, onde, pra que. Salienta que entrevistaram também os principais teóricos do movimento, como a educadora, Elaine Nunes de Andrade, o doutor em ciências sociais, José Carlos Gomes Silva, o antropólogo Marco Aurélio Paz Tella e o jornalista Spensy Pimentel. Traz a história de "De Menor", ídolo de um grupo de meninas, do grafiteiro Tinho, das dançarinas de break da equipe Jabaquara Breakers, da Marcha pela Democracia Racial (com os integrantes de entidades negras e da sociedade civil - rappers dos grupos DMN e Armagedon, Núcleo Força Ativa e da posse Aliança Negra).

RODRIGUES, Cinthia, RENNO, Carlos. O rap sai do gueto. Época, São Paulo, v. 1, n. 12, p. 77-81, 10 ago. 1998.

Apresenta a história do grupo de rap 'Os Racionais' que vieram da periferia de São Paulo, cantam músicas com letras que pregam a revolução dos negros da periferia contra os 'branquinhos' das regiões nobres da cidade. Destaca que Os Racionais viram ídolos entre os jovens da classe média, falando sobre drogas e marginalidade, violência urbana, e que o último CD dos rappers, 'Sobrevivendo no Inferno' já vendeu mais de 500 mil cópias, e acrescenta que o grupo usa versos simples mas elaborados, usando a linguagem agressiva dos jovens negros de regiões pobres da cidade, e que estando em processo de absorção, não perdem a contundência de seu discurso político e poético.

SILVA, José Carlos Gomes da. Arte e educação : a experiência do movimento hip Hop paulistano. In: ANDRADE, Elaine Nunes de, (Org.). Rap e educação : rap é educação. São Paulo : Summus, 1999. p. 23-38.

Apresenta experiência sobre o fazer musical dos grupos de rap na cidade de São Paulo, analisando a produção fonográfica, com depoimentos e observações sobre o fazer musical. Contextualiza e apresenta breve histórico do surgimento do movimento hip hop paulistano, e constata a interação entre as escolas e o universo da periferia via resgate da palavra dos próprios rappers. Envolvendo grupos de rap paulistano e as escolas municipais em atividades marcadas por palestras e debates envolvendo rappers e as unidades escolares. Reafirma que é possível construir o saber ancorado em experiências juvenis.

SILVA, Márcia. O hip hop como registro do sentir e do desejar . In: ANDRADE, Elaine Nunes de, (Org.). Rap e educação : rap é educação. São Paulo : Summus, 1999. p. 137-151.

Relata experiência com jovens do ensino fundamental da Escola Estadual Vila da Oportunidade, em Carapicuíba, SP. Foi sugerido aos alunos que levassem CDs para ouvirem música durante o desenvolvimento das atividades. Após cada audição era discutida a letra da música, o que eles sabiam sobre os

artistas, de forma que como educadora, negra e também da periferia, foi dilatando sua percepção sobre a riqueza de possibilidades pedagógicas pelo movimento hip hop. Diante dessa experiência positiva e promissora, foi desenvolvido um projeto acadêmico mais elaborado, resgatando o potencial oferecido para o desenvolvimento de trabalhos com o movimento hip hop, com o objetivo de ter esse momento como princípio de estilos, ditando o conceito de arte, atentando para o fato de que a linguagem visual se configura como forte instrumento de registro do saber, do sentir e do desejar as coisas do mundo.

SILVA, Marco A. da. Thaíde & DJ Hum. Pode crê!, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 17-20, 1994.

Entrevista com Thaíde e DJ Hum onde fazem uma análise do movimento Hip Hop no Brasil.

SILVA, Maria Aparecida da. O ensino formal e a sabedoria de rua. Educação a Distância, Brasília, v. 2, n. 3, p. 5-13, jun. 1993.

Apresenta atividades realizadas com adolescentes e jovens negros entre 13 e 24 anos que moram na periferia da cidade de São Paulo. Traz depoimentos de jovens que participam do movimento musical denominado RAP, onde falam sobre o Brasil, a escola, cultura e racismo.

SILVA, Maria Aparecida da. Projeto Rappers: uma iniciativa pioneira e vitoriosa de interlocução entre uma Organização de Mulheres Negras e a juventude no Brasil. In: ANDRADE, Elaine Nunes de, (org.). Rap e educação : rap é educação. São Paulo : Summus, 1999. p. 93-101.

Apresenta o Geledés- Instituto da Mulher Negra, para que se possa contextualizar a implementação do Projeto Rappers e seu desenvolvimento. Descreve a estrutura e as finalidades do Geledés- Instituto da Mulher Negra, sendo uma organização não governamental, criada em 1988 por um conjunto de mulheres negras, com o objetivo de combater a discriminação racial e de gênero na sociedade brasileira e desenvolver propostas de políticas públicas que promovam a equidade de gênero e raça. Destaca que o Geledés surgiu do entendimento de que as mulheres negras devem assumir a responsabilidade de encaminhar politicamente suas questões específicas e interferir nas questões gerais da sociedade brasileira e da população negra em particular. Aponta que para alcançar esses objetivos, a organização está estruturada em quatro programas básicos: Direitos Humanos, Saúde, Comunicação e Capacitação/Profissionalização. Afirma que cada programa é composto por vários projetos.

SILVEIRA JÚNIOR, Nelson Eugênio da. Superfícies alteradas : uma cartografia dos grafites na cidade de São Paulo. Campinas, 1991. 149 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas.

Estudo sobre grafiteiros e pichadores na cidade de São Paulo no final da década de 80. Procurou seguir os movimentos e formas dos grafites figurativos e das pichações, percorrendo as redes de sociabilidade das quais participam os sujeitos, tentando, assim, fazer uma cartografia do grafite. Essa cartografia é o resultado da "justaposição de situações aparentemente dispersas que se conectam em vários planos". Para isso foi necessário um trabalho etnográfico, acompanhando grupos e indivíduos em suas atividades, registrando estratégias de atuação e esquiva, buscando elementos que permitissem articular um mapa dos grafites. Utilizou uma câmara de vídeo, através da qual montou um banco de dados, e a observação. Fundamentou-se em estudos sobre a pós-modernidade de autores como Deleuze e Maffesoli. Constata-se que há uma potência de dispersão nos grupos, pois o grafite pode acontecer em qualquer canto da cidade; muitas vezes o mais importante é o andar pelas ruas. A grafitagem, além da necessidade de expressão, comporta um aspecto lúdico e de aventura/desafio. Buscam extrair de sua atividade precária, com poucos recursos, o máximo de intensidade. O grafite é uma atividade coletiva, catalisadora.

SOUZA, Aguiar Nunes de. Um balanço do Hip Hop e da Cultura Jovem. Caderno de Pesquisa, São Caetano do Sul, v. 3, n. 5, p. 9-11,

Entrevista com o coordenador do Projeto Quilombo do hip hop, Aguiar Nunes de Souza, membro do Fórum do Hip Hop, e um dos integrantes do grupo de rap E.N.D.P. (Exercito Negro da Periferia) e faz parte da Companhia de Dança Maúa Break e em setembro conquistou o terceiro lugar no "Planet Dance 2001".

SOUZA, Angela. Movimento rap em Florianópolis : a Ilha da magia é só da ponte para lá!. Educa-Ação Afro, Florianópolis, v. 4, n. 12, p. 4-5, jul./set. 2000.

Conta a história do surgimento do rap, especificamente em Florianópolis, SC. O rap é um estilo musical, uma forma encontrada para mandar o recado, mostrar como esta e como deve ficar a realidade. Principalmente, a realidade das periferias e bairros pobres da cidade onde há uma concentração da população negra. São os negros que ocupam grande parte dos números estatísticos sobre o desemprego, mortalidade infantil, analfabetismo, os que moram nos piores lugares, os que mais ocupam as ruas (mendigos e meninos de rua).

SOUZA, Carlos Alberto Kall Alves de. HIPHOPTUDE. [São Paulo : s.n.,199-].
paginação irregular

SOVIK, Liv. O rap desorganiza o carnaval: globalização e singularidade na música popular brasileira. Caderno CRH, Salvador, n. 33, p. 247-255, jul./dez. 2000.

Procura entender, através da discussão da música popular como discurso identitário, o "Diário de um Detento" e os Racionais MCs como representativos do rap, os sentidos da inclusão na cena musical nacional do

rap brasileiro, com relação a globalização ou homogeneização mundial da cultura, e a tradição da música como discurso identitário.

SPOSITO, Marília Pontes. Jovens e educação : novas dimensões da exclusão. Em Aberto, Brasília, v. 11, n. 56, p. 43-53, out./dez.1992.

Apresenta as dificuldades para manter em funcionamento escolas públicas que atendem bairros de setores carentes da população e como o movimento popular se organiza na luta por ensino básico e de qualidade. Analisa a questão da violência que atinge a população mais jovem e da sua exclusão do processo educativo. Aborda também algumas manifestações culturais organizadas por jovens como o RAP que nasceu nas periferias das grandes cidades como expressão de jovens negros.

SPOSITO, Marília Pontes. A sociabilidade juvenil e a rua : novos conflitos e ação Coletiva na cidade. Tempo Social, São Paulo, v. 5, n. 1-2, p. 161-178, nov. 1994.

As novas formas de sociabilidade que se gestam entre os jovens, moradores dos bairros periféricos das grandes cidades, nascem principalmente da socialização no mundo da rua, suas esquinas e pontos de encontro, onde desenvolvem relações de amizade e lazer, enfrentam os mecanismos da violência urbana e vivem, na luta pela sobrevivência, o confronto diário com os aparelhos repressivos. Neste espaço buscam construir identidades coletivas e diversas modalidades de sociabilidade. Algumas formas de ação reúnem atividades expressivas em torno da música e da dança de rua, como o rap (rhythm and poetry) na periferia de São Paulo e outras cidades brasileiras. Agrupando jovens, em sua maioria negros e pobres, o rap por meio da dança e da música, praticadas sobretudo nas ruas, denuncia a exclusão cultural, a violência policial e critica a discriminação sofrida no mundo do trabalho e da escola.

TEIXEIRA, Gervasio L. Grafiteiros urbanos. Mundo Jovem, Porto Alegre, v. 33, n. 266, p. 20, nov. 1995.

Analisa o fenômeno dos modernos grafiteiros das grandes metrópoles associando suas atividades como uma tentativa de fuga do anonimato imposto pela concentração urbana.

TELLA, Marco Aurélio Paz. Rap, memória e identidade. In: ANDRADE, Elaine Nunes de (Org.). Rap e educação : rap é educação. São Paulo : Summus, 1999. p. 55-63.

Faz breve histórico da música negra norte americana, para contextualizar historicamente qual o momento sociocultural em que o rap nasce. Resgata histórico para demonstrar em que momento o rap surge na música negra dos EUA, como também mostrar em que momento determinados ritmos afro-musicais

como o soul, jazz, funk e o movimento black power influenciaram setores da população negra, principalmente da cidade de São Paulo.

WELLER, WIVIAN. A construção de identidades através do Hip Hop: uma análise comparativa entre rappers negros em São Paulo e rappers turco-alemães em Berlim. Caderno CRH, Salvador, n. 32, p. 213-232, jan./jun. 2000.

Discute a partir de entrevistas de grupo com grupos de rap em São Paulo e Berlim, o papel do Hip hop na orientação coletiva e na construção de identidades em grupos juvenis assim como no processo de identificação étnica e de auto-afirmação nas sociedades berlinense e paulista. A partir da assimilação de um estilo musical e de um movimento sociocultural "importado" os jovens negros paulistanos e os jovens turcos-berlinenses desenvolvem um estilo próprio, reinterpretando o rap norte-americano e integrando em suas composições elementos da música e cultura de origem. Salienta que ao mesmo tempo desenvolveram a partir do Hip hop suas próprias formas de expressão política e cultural, assumindo sua cor e/ou origem de forma positiva e combatendo o racismo e o preconceito vivido.